

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS- UFGD

FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E
ECONOMIA - FACE

CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

DANIELLY VIEIRA CAPOANO

**FLUXO DE CAIXA: UM INSTRUMENTO DE CONTROLE
GERENCIAL PARA AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS**

DOURADOS/MS

2010

DANIELLY VIEIRA CAPOANO

**FLUXO DE CAIXA: UM INSTRUMENTO DE CONTROLE
GERENCIAL PARA AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal da Grande Dourados-
UFGD, como requisito parcial para a obtenção
do título de bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Rosa

Dourados/MS

2010

Dourados/MS, 03 de novembro de 2010.

Considerando que o Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Danielly Vieira Capoano, encontra-se em condições de ser avaliado, recomendo sua apresentação oral e escrita para avaliação da Banca Examinadora, a ser constituída pela coordenação do Curso de Ciências Contábeis.

Prof. Dr. Luciano Rosa
Professor Orientador

DANIELLY VIEIRA CAPOANO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

**FLUXO DE CAIXA: UM INSTRUMENTO DE CONTROLE
GERENCIAL PARA AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS**

Orientador: Prof. Doutor Luciano Rosa
UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

Examinador: Prof. Mestre Rosemar José Hall
UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

Examinador: Prof. Mestre Juarez Marques Alves
UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão da graduação aos meus pais, irmãos, familiares e amigos que de muitas formas me incentivaram e ajudaram para que fosse possível a concretização deste trabalho.

RESUMO

O fluxo de caixa será apresentado neste trabalho como um instrumento de controle gerencial para as micro e pequenas empresas, a fim de evidenciar as suas contribuições na gestão financeira das mesmas. Quanto ao aspecto metodológico trata-se de pesquisa bibliográfica utilizando-se de materiais já publicados sobre o tema e levantamento realizado através de uma entrevista a ser aplicada em uma amostragem não probabilística por conveniência das micro e pequenas empresas, com atividade econômica no ramo do comércio varejista de vestuários, da cidade de Dourados-MS. Por fim, conclui-se através do presente estudo, que é fundamental para a sobrevivência e o sucesso de qualquer empresa, que o fluxo de caixa apresente liquidez, justificando-se, portanto, a necessidade da gestão dos fluxos financeiros da empresa.

Palavras-Chave: Fluxo de Caixa. Planejamento. Controle. Micro Empresa. Pequena Empresa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA	09
1.2 OBJETIVOS	
1.2.1 Objetivo Geral	09
1.2.2 Objetivos Específicos	10
1.3 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS	
1.3.1 Delineamento da Pesquisa	10
1.3.2 Coleta dos Dados	11
1.3.3 Técnicas de Análise dos Dados	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
2.1 CONCEITUAÇÃO DE ME E EPP	12
2.2 FLUXO DE CAIXA: CONCEITUAÇÃO E OBJETIVOS	14
2.3 MÉTODOS E TIPOS DE FLUXO DE CAIXA	16
2.4 DIFERENÇAS ENTRE LUCRO E CAIXA	19
2.5 FLUXO DE CAIXA COMO INSTRUMENTO GERENCIAL	21
2.5.1 Fluxo de Caixa Projetado	24
3 ESTUDO PRÁTICO	
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
3.2 PREFIL DAS EMPRESAS E DOS ENTREVISTADOS	27
3.3 O FLUXO DE CAIXA NA GESTÃO DAS EMPRESAS ENTREVISTADAS	29
4 CONCLUSÕES	31
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICE	35

1 INTRODUÇÃO

A gestão do fluxo de caixa se faz necessária em todas as empresas, tanto naquelas voltadas à obtenção de lucros, quanto nas instituições sem fins lucrativos, considerando que o que leva uma empresa a falência não é a falta de lucro, mas a falta de recursos financeiros para cumprir com as suas obrigações. “É possível que uma empresa apresente lucro líquido e um bom retorno sobre investimentos e, ainda assim, vá à falência. O péssimo fluxo de caixa é o que acaba com a maioria das empresas que fracassam.” (GOLDRATT e COX *apud* CAMPUS FILHO, 1999, p.23).

Para Iudícibus, Martins e Gelke (2006, p.398), esse instrumento torna possível aos empreendedores perceber as variações que possam vir a ocorrer:

A utilização do fluxo de caixa como ferramenta para medir a geração de caixa para que tenha como quitar dívidas, avaliar a liquidez, a solvência, a flexibilidade financeira e também a taxa de conversão de lucro em caixa, com um grau de precisão das informações passadas projetando se há necessidade de investimentos e financiamentos nas atividades futuras operacionais da empresa.

Tão importante quanto adiantar-se ao futuro é não desprezar o passado, um fluxo de caixa bem elaborado e armazenado é uma das ferramentas para avaliar o desempenho da empresa, identificando se os seus objetivos foram atingidos.

O controle do fluxo de caixa é essencial a qualquer atividade econômica, tendo em vista que esse é um instrumento que permite aos empreendedores ter conhecimento de todas as entradas e saídas de recursos da empresa. Através dele também é possível elaborar um planejamento do fluxo financeiro, pelo qual se saberá quando a empresa terá recursos suficientes para manter as operações ou quando precisará de financiamentos bancários. Pivetta (2004, p.03) ilustra a importância do fluxo de caixa:

O empreendedor, ao conceder prazo para pagamento ou descontos aos clientes, pode gerar a necessidade de captação de recursos para pagamento das obrigações e, conseqüentemente, implicar na incorrência de despesas financeiras. E isso deve ser considerado o custo da operação, ao calcular-se, por exemplo, os preços praticados para vendas a prazo. A contribuição do fluxo de caixa é, portanto, fundamental no entendimento do funcionamento da própria empresa e das implicações das decisões tomadas.

Segundo o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE *apud* Kallas), 80% das micro e pequenas empresas desaparecem antes de completar um ano de existência e com base nas informações do Indicador Serasa *Experian* de Falências e Recuperações, em agosto de 2010, foram decretados 186 falências em todo o Brasil, destas, 64%, ou seja, 119 eram micro e pequenas empresas. Kallas descreve a principal razão para essas falências:

A principal razão da falência, segundo os especialistas, é a incapacidade de administrar o capital de giro, ou seja: os estoques, o caixa e o financiamento a clientes. Tais variáveis muitas vezes são passíveis de controle interno, quando se baseiam em um plano de marketing, produção, financeiro e de gestão que aponta ao empresário os caminhos a seguir e se há necessidade de corrigir os rumos. Isso é planejar e as empresas que o fazem diminuem a probabilidade de quebrar.

“O planejamento de caixa é a espinha dorsal da empresa. Sem ele não se tem certeza quando haverá caixa suficiente para sustentar as suas obrigações, ou dar-lhes crédito quando se necessitar de financiamentos” (GITMAN, 2002, *apud* LUCAS, 2009, p.02).

Diante disso, justifica-se a relevância do estudo do fluxo de caixa no controle gerencial das empresas, devido ao fato de ser necessário o planejamento e o controle das entradas e saídas de recursos financeiros, auxiliando a empresa a manter a sua liquidez e evitar uma futura insolvência.

Assim o trabalho será dividido em duas partes: a primeira, uma pequena introdução da pesquisa, identificando o problema, os objetivos e a metodologia a ser aplicada e a segunda, toda a fundamentação teórica relativa ao assunto. Apresenta-se também um estudo prático sobre o tema, realizado junto a algumas empresas locais. E, por último, apresenta-se a conclusão do trabalho.

1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

O tema do presente trabalho será o Fluxo de Caixa como instrumento de controle gerencial para as micro e pequenas empresas, tendo em vista a seguinte problemática: Apesar de obterem lucros com as suas atividades econômicas, por algumas razões, várias empresas acabam indo a falência, a maioria nos primeiros anos de atividade. Sendo assim, quais as contribuições do fluxo de caixa na gestão financeira das micro e pequenas empresas, com atividade econômica no ramo do comércio varejista de vestuários, da cidade de Dourados - MS?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo deste trabalho é evidenciar como o fluxo de caixa pode auxiliar no controle gerencial das empresas, por meio de pesquisa bibliográfica, buscando informações em materiais já publicados sobre o tema e um levantamento realizado através de uma entrevista a ser aplicada em uma amostragem não probabilística por conveniência das micro e

pequenas empresas, com atividade econômica no ramo do comércio varejista de vestuários, da cidade de Dourados-MS.

Evidenciar as contribuições do fluxo de caixa no controle gerencial das micro e pequenas empresas, com atividade econômica no ramo do comércio varejista de vestuários, da cidade de Dourados – MS, a fim de garantir o sucesso empresarial.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para atingir o objetivo geral, faz-se necessário atingir alguns objetivos específicos, tais como:

- a) Apresentar conceitos e objetivos sobre o fluxo de caixa;
- b) Demonstrar a relevância do planejamento e do controle do fluxo de caixa;
- c) Descrever os métodos e tipos de fluxos de caixa;
- d) Apontar aspectos contábeis e financeiros;
- e) Analisar a utilização do fluxo de caixa nas micro e pequenas empresas, com

atividade econômica no ramo do comércio varejista de vestuários, da cidade de Dourados – MS.

1.3 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

1.3.1 Delineamento da Pesquisa

Quanto à natureza, a pesquisa será aplicada, visando fornecer informações de controle gerencial para auxiliar os empreendedores das empresas locais, “gera conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve interesses locais” (GIL, 2002, p.38).

Quanto à forma de abordagem do problema, a pesquisa será Quantitativa, pois, “utiliza técnicas de dados como a observação participante, história ou relato de vida, entrevista e outros” (COLLIS; HUSSEY, 2005. p.75), onde, primeiramente, será realizada uma entrevista com os administradores das empresas e Qualitativa, já que “considera que tudo por ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-los e analisá-los” (GIL, 2002, p.44), as respostas obtidas pelos questionários serão quantificadas em porcentagem para análise dos dados.

Quanto aos objetivos, a pesquisa será Descritiva, pois, “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. A forma mais comum de apresentação é o levantamento em geral realizado

mediante questionário” (GIL, 2002, p.42) e Explicativa, visto que “visa identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos acontecimentos” (GIL, 2002, p.42).

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa será Bibliográfica, “sendo aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores” (SEVERINO, 2007, p.122) e Levantamento, “a coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador” (SEVERINO, 2007, p.123).

1.3.2 Coleta dos Dados

Os dados serão coletados por meio de uma entrevista estruturada, com questões abertas, tendo como base o roteiro aplicado por Ferreira (2003, p.33) na cidade de João Pessoa-PB e que foi adaptado para ser reaplicado em uma amostragem não probabilística por conveniência das micro e pequenas empresas, com atividade econômica no ramo do comércio varejista de vestuários, da cidade de Dourados-MS.

Este segmento econômico foi escolhido por ser um dos setores com expressivo destaque no município, pois representa uma grande fonte de trabalho e renda para a população, tornando-se assim, um setor de significativa relevância para a economia regional.

Para classificar o enquadramento das empresas foi adotado o critério do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, que tem como parâmetro o número de funcionários da empresa.

1.3.3 Técnicas de Análise dos Dados

Serão analisados e quantificados em porcentagem, o perfil dos respondentes (sexo, formação, cargo ocupado, tempo de trabalho na empresa), o perfil da empresa (natureza jurídica, tempo de existência no mercado) e o conhecimento dos empreendedores ou administradores das empresas sobre a DFC e o método que os mesmos utilizam para o controle do fluxo financeiro.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITUAÇÃO DE ME E EPP

Existem atualmente, dois parâmetros para definir as Micro e Pequenas Empresas – MPes. O Serviço de Apoio as Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, classifica as empresas com base no número de empregados, conforme essa classificação temos:

Tabela 1 - Classificação das MPes segundo número de empregados

Porte / Setor	Indústria	Comércio e Serviços
Microempresas	Até 19	Até 9 empregados
Empresas de Pequeno Porte	De 20 a 99	De 10 a 49
Médias	De 100 a 499	De 50 a 99
Grandes	500 ou mais	100 ou mais

Fonte:SEBRAE-SP, 2010.

Segundo esta classificação, são consideradas:

- Microempresas: as indústrias e empresas de comércio e serviços com até 19 empregados;
- Empresas de Pequeno Porte: as indústrias com 20 a 99 empregados e as empresas de comércio e serviços com 10 a 49 empregados;
- Médias Empresas: as indústrias com 100 a 499 empregados e as empresas de comércio e serviços com 50 a 99 empregados;
- Grandes Empresas: as indústrias com 500 ou mais empregados e as empresas de comércio e serviços com 100 ou mais empregados.

E, para fins de tributação do Simples Nacional, as empresas são classificadas segundo o faturamento bruto anual, assim temos:

Tabela 2 - Classificação das MPes segundo faturamento bruto anual

Portes	Simples Nacional	Exportações
Microempresas	Até R\$ 240 mil	Até US\$ 200 mil para comércio e serviços. Até US\$ 400 mil na indústria.
Empresas de Pequeno Porte	Acima de R\$ 240 mil até R\$ 2,4 milhões	Acima de US\$ 200 mil até US\$ 1,5 milhão para comércio de serviços. Acima de US\$ 400 mil até US\$ 3,5 milhões na indústria.

Fonte: SEBRAE-SP, 2010.

Segundo esta classificação, são consideradas:

- Microempresas: as que pertencem ao Simples Nacional e que possuem faturamento anual bruto de até R\$ 240 mil. E as empresas que realizam exportações e possuem faturamento bruto anual de até US\$ 200 mil, no caso das empresas de comércio e serviços e até US\$ 400 mil, nas indústrias.

- Empresas de Pequeno Porte: as que pertencem ao Simples Nacional e que possuem faturamento anual bruto de R\$ 240 mil até R\$ 2,4 milhões. E as empresas que realizam exportações e possuem faturamento bruto anual de US\$ 200 mil até US\$ 1,5 milhão, no caso das empresas de comércio e serviços e US\$ 400 mil até US\$ 3,5 milhões, nas indústrias.

As MPEs exercem um papel importante na economia brasileira, pois respondem por cerca de 98% dos estabelecimentos do país, sendo 56% dessas com ramo de atividade econômica no comércio. O gráfico abaixo mostra a importância dessas empresas dentro da economia brasileira:

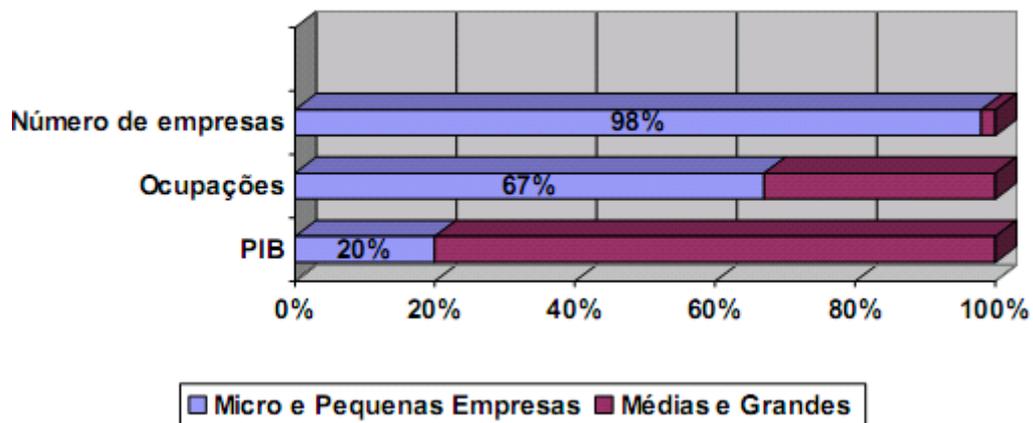


Gráfico 1 - As MPEs na economia (SEBRAE-SP *apud* Henrique, 2008, p.24)

Segundo o SEBRAE, as MPEs representam 67% das ocupações, ou seja, dos empregos gerados no país 67% são em empresas de micro e pequeno porte, e, essas empresas contribuem com 20% do Produto Interno Bruto do país.

Para Henrique (2008, p.23) uma das características dessas empresas é que “a estratégia geralmente é formulada pelo seu dirigente principal, que é também o proprietário”, e na maioria dos casos, o proprietário não tem conhecimento contábil e nem de gestão de negócios, o que dificulta a administração e controle da empresa.

E ainda, segundo Raza *apud* Henrique (2008, p.25):

Sem um planejamento financeiro e assessoria necessária torna-se impossível o sucesso do negócio, o que na maioria dos casos leva a falência por falta de uma gestão eficaz. [...] A falta de informações é o grande vilão nas pequenas empresas. Muitos empreendedores possuem o capital e resolvem montar um negócio desconhecendo todos ou outros fatores necessários ao sucesso do empreendimento,

tais como, o controle do capital de giro, relação entre despesas e receitas, os custos inerentes à continuidade do negócio, dentre outros.

Apesar de sua importância para a economia, as MPEs enfrentam algumas dificuldades, principalmente no que se referem gestão contábil e financeira, fatores estes que contribuem para o fracasso de algumas destas empresas.

As MPEs são, em geral, organizações caracterizadas como sendo empresas familiares, com administração não profissional, as ações de decisões quase sempre são tomadas com base na intuição e na experiência do empresário, o pouco conhecimento de gestão e a sua falta de experiência são especificidades que afetam a sobrevivências destas empresas.

Outra grande dificuldade das MPE's é a aplicação do princípio contábil da entidade na empresa, que conforme a Resolução do CFC nº. 750/93 em seu artigo 4º (Conselho Federal de Contabilidade, 2003, p.26):

O princípio da ENTIDADE reconhece o patrimônio como objeto da Contabilidade e afirma a autonomia patrimonial, a necessidade da diferenciação de um Patrimônio particular no universo dos patrimônios existentes, independentemente de pertencer a uma pessoa, conjunto de pessoas, uma sociedade ou uma instituição de qualquer natureza ou finalidade, com ou sem fins lucrativos. Por conseqüência, nessa acepção, o patrimônio não se confunde com aquele dos seus sócios ou proprietários, no caso de sociedade ou instituição

Para que seja realizada a aplicação deste princípio contábil é necessário que o patrimônio do empresário não se misture com o da empresa, muitas MPEs são empresas familiares e funcionam junto á residência do proprietário o que dificulta a segregação das despesas pessoais com as despesas da empresa.

Em sua quase totalidade, as MPEs não possuem planejamento e controle formais de suas operações, desenvolvendo atividades em função das experiências dos seus empreendedores, que utilizam controles informais no processo de tomada de decisão e não dispõem de instrumentos capazes de identificar os erros ou acertos de suas decisões tomadas.

2.2 FLUXO DE CAIXA: CONCEITUAÇÃO E OBJETIVOS

O fluxo de caixa é um instrumento da Contabilidade que permite ao empresário o controle financeiro de suas disponibilidades, pois “consiste no controle de todas as contas que se relacionam com o caixa, são elas as entradas e as saídas de recursos financeiros do caixa em decorrência de suas atividades financeiras em um determinado período, permitindo a comparação das suas atividades por diversos períodos” (FEDATO, GOULART e OLIVEIRA, 2009, p.5).

Para Zdanowicz (1986, p.40) “Denomina-se fluxo de caixa de uma empresa ao conjunto de ingressos e desembolsos de numerário ao longo de um período determinado. O fluxo de caixa consiste na representação dinâmica da situação financeira de uma empresa, considerando todas as fontes de recursos e todas as aplicações em itens de ativo”.

Miotto (2008, p.04) define Fluxo de Caixa como sendo:

[...] o expediente mediante o qual se obtêm as entradas e saídas de caixa. Através dele será capaz de verificar a capacidade de pagamentos por determinado período, se há possibilidade de investimentos, em qual data será melhor programar determinada compra. Enfim, é o orientador da empresa para suas tomadas de decisão.

Para Silva (2008, p.20) o Fluxo de Caixa é um instrumento fundamental para a empresa, pois:

É o principal instrumento da gestão financeira que planeja, controla e analisa as receitas, as despesas e os investimentos, considerando determinado período projetado. Pode-se também dizer que consiste numa representação gráfica (planilha) e cronológica de entradas (ingressos) e saídas (desembolsos) de recursos monetários, o que permite às empresas executar suas programações financeiras e operacionais, projetadas para certo período de tempo. É possível, a partir da elaboração do fluxo de caixa, verificar e planejar eventuais excedentes e escassez de caixa, o que provocará medidas que venham sanar tais situações.

Matarazzo (2008, p.369) cita que “a Demonstração do Fluxo de Caixa é peça imprescindível na mais elementar atividade empresarial e mesmo para pessoas físicas que se dedicam a algum negócio”.

Por sua vez, Thiesen (2000, p.10) complementa afirmando que a Demonstração do Fluxo de Caixa “permite mostrar, de forma direta ou mesmo indireta, as mudanças que tiveram reflexo no caixa, suas origens e aplicações”.

Marion (2007, p.426) explica que de forma resumida a Demonstração de Fluxo de Caixa “indica a origem de todo o dinheiro que *entrou* no Caixa, bem como a aplicação de todo o dinheiro que *saiu* do Caixa em determinado período, e, ainda, o Resultado do Fluxo Financeiro”

Ainda para Marion (2007, p.427) a Demonstração de Fluxo de Caixa visa esclarecer algumas situações controversas da empresa: “[...], por exemplo, na comparação com a DRE, o porquê de a empresa ter um lucro considerável e estar com o Caixa baixo, não conseguindo liquidar todos os seus compromissos. Ou, ainda, embora seja menos comum, o porquê de a empresa ter prejuízo este ano, embora o Caixa tenha aumentado”.

Assim, de uma forma geral, o fluxo de caixa representa o registro de todas as entradas e saídas de recursos financeiros da empresa, a fim de controlar todas as disponibilidades e manter um alto grau de liquidez.

O controle dos fluxos de caixa da empresa tem vários objetivos. O principal deles é informar o grau de liquidez da empresa, ou seja, a capacidade que ela tem para liquidar seus compromissos financeiros a curto e longo prazo.

Garrison e Noreen *apud* Lucas (2009, p.03), afirmam que o objetivo da Demonstração do Fluxo de Caixa é:

[...] destacar as principais atividades que, direta ou indiretamente, causam impacto no fluxo de caixa e, assim, influenciam o saldo geral de caixa. Os gerentes prestam atenção ao caixa por razão muito boa, sem caixa suficiente nos momentos certos, a empresa pode perder oportunidades de ouro ou mesmo ir à falência. A demonstração do fluxo de caixa é um instrumento analítico valioso tanto para gerentes quanto para investidores e credores, embora os gerentes sejam mais propensos a se interessar pelos demonstrativos projetados do fluxo de caixa, elaborados como parte do processo orçamentário.

Para Ferreira (2003, p.13), os objetivos básicos do fluxo de caixa são:

- 1 – Permitir o planejamento dos desembolsos de acordo com as disponibilidades de caixa, evitando-se o acúmulo de compromissos vultosos em época de pouco encaixe;
- 2 – Avaliar alternativas de investimentos;
- 3 – Avaliar e controlar ao longo do tempo as decisões importantes que são tomadas na administração da empresa, com reflexo monetário;
- 4 – Facilitar a análise e o cálculo nas linhas de créditos a serem obtidos junto às instituições financeiras;
- 5 – Programar os ingressos e desembolsos de caixa de forma criteriosa, permitindo determinar o período em que deverá ocorrer carências de recursos, havendo, tempo suficiente para medidas necessárias, para que não chegue à situação de iliquidez;
- 6 – Certificar que os excessos monetários de caixa estão sendo devidamente aplicados;
- 7 – Determinar quanto de recursos próprios a empresa dispõe em dado período, e aplicá-lo de forma mais rentável possível, bem como analisar os recursos de terceiros que satisfaçam as necessidades da empresa;
- 8 – Proporcionar o intercâmbio dos diversos departamentos da empresa com a área financeira, possibilitando uma visão geral da situação financeira e administrativa da empresa aos sócios, investidores e demais interessados;
- 9 – Desenvolver o uso eficiente e racional do disponível;
- 10 – Projetar um plano efetivo de pagamento de débito;
- 11 – Analisar a viabilidade de serem comprometidos os recursos da empresa;
- 12 – Participar e integrar todas as atividades da empresa, facilitando assim os controles financeiros;
- 13 – Avaliar a capacidade de geração de caixa da empresa; se ela faz dinheiro hoje e demonstra capacidade de fazê-lo no futuro.

Diante desses objetivos, pode-se confirmar a importância do fluxo de caixa na gestão financeira das empresas, pois auxilia os empresários em suas tomadas de decisões.

2.3 METÓDOS E TIPOS DE FLUXO DE CAIXA

Existem quatro tipos de fluxos de caixa: fluxos operacionais, fluxos de investimentos, fluxos de financiamentos e fluxos extra-operacionais, Pivetta (2005, p.06) explica cada um deles:

Os fluxos operacionais são os fluxos de caixa – entradas e saídas – diretamente relacionado à produção e venda dos produtos e serviços da empresa. Esses fluxos

captam a demonstração do resultado e as transações das contas circulantes (excluindo os títulos a pagar) ocorridas durante o período. As principais modalidades de ingressos operacionais são as vendas à vista; recebimento, desconto, caução e cobrança das duplicatas de vendas a prazo realizadas pela empresa. Quanto aos desembolsos operacionais podem ser relacionados com as compras de matérias-primas à vista e a prazo, salários e ordenados com os encargos sociais pertinentes, custos indiretos de fabricação, despesas administrativas, despesas com vendas, despesas financeiras e despesas tributárias.

Os fluxos de investimento são fluxos de caixa associados com a compra e venda de ativos imobilizados, e participações societárias. Obviamente, as operações de compra resultam em saídas de caixa, enquanto que as operações de venda geram entradas de caixa.

Os fluxos de financiamento resultam de operações de empréstimo e capital próprio. Tomando ou quitando empréstimos tanto de curto prazo (títulos a pagar) quanto de longo prazo resultará numa correspondente entrada ou saída de caixa. Do mesmo modo, a venda de ações pode resultar numa entrada de caixa, enquanto que a recompra de ações ou o pagamento de dividendos pode resultar em saída financeira.

O fluxo de caixa extra-operacional compreende os ingressos e os desembolsos de itens não relacionados à atividade principal da empresa, como: imobilizações, vendas do ativo permanente, receitas financeiras, aluguéis, recebidos ou pagos, amortizações de empréstimos ou de financiamentos, pagamento de contraprestações (leasing).

Quanto à elaboração da Demonstração do Fluxo de Caixa existem dois métodos que podem ser utilizados dependendo dos interesses dos usuários, o método direto e o método indireto.

No Método Direto são demonstrados todos os recebimentos e pagamentos que contribuíram para a variação das disponibilidades em um determinado período, este método exige maior esforço em sua elaboração, uma vez que deve ser feito todo um trabalho de separação das movimentações financeiras. As entradas e saídas do Caixa são evidenciadas a começar das vendas, por seus valores efetivamente realizados (recebidos), a partir daí são considerados todos os recebimentos e pagamentos provenientes das operações ocorridas no período. Este modelo possui um poder informativo maior do que o Método Indireto, por ser de mais fácil compreensão, sendo melhor tanto aos usuários externos quanto ao planejamento financeiro da empresa (MARION, 2007, p.431).

Segue abaixo um exemplo da Demonstração do Fluxo de Caixa elaborada pelo método direto:

Quadro 1 - Estruturação da Demonstração do Fluxo de Caixa – Modelo Direto

Período de 20X2	Em \$ 10.000
a) Atividades Operacionais	9.500
Recebimento de Vendas	<u>(5.000)</u>
(-) Pagamentos de Compras	4.500
Caixa Bruto obtido nas Operações	
(-) Despesas Operacionais Pagas de Vendas	(500)
Administrativas	<u>(380)</u>
Caixa Gerado no Negócio	3.620

(-) Despesas Financeiras Pagas		<u>(500)</u>
Caixa Gerado após as Operações Financeiras		3.120
b) Atividades de Investimentos		
(-) Aquisições de Permanentes		
Móveis e Utensílios	(300)	
Terrenos	(1.000)	
Ações de Outras Cias.	(2.140)	(3.400)
c) Atividades de Financiamentos		
Integralização de Capital	1.500	
Empréstimos Bancários	470	
(-) Dividendos Pagos	<u>(850)</u>	<u>1.120</u>
Resultado Final de Caixa		800
+ Saldo Existente em 31-12-X1		1.500
Saldo Existente em 31-12-X2		2.300

Fonte: MARION, 2007, p. 444.

Pelo Método Indireto a Demonstração do Fluxo de Caixa é estruturada por meio de um procedimento semelhante ao da Demonstração das Origens e Aplicações dos Recursos, assim, são efetuados ajustes ao lucro líquido pelo valor das operações consideradas como receitas e despesas, mas, que não afetaram as disponibilidades de um determinado período, apesar de evidenciar a variação ocorrida nas disponibilidades, o fluxo estruturado, dessa maneira, não demonstra as entradas e saídas de dinheiro do caixa por seus valores efetivos, mas fornece uma simplificação com base em uma diferença de saldos ou inclusão de alguns itens que não afetam as disponibilidades como despesas antecipadas, provisões, etc.. Com relação ao método direto, neste método, a dificuldade de compreensão é maior, pois, exige dos usuários maior conhecimento da Contabilidade (MARION, 2007, p.432).

O exemplo abaixo mostra uma Demonstração do Fluxo de Caixa elaborada pelo método indireto:

Quadro 2 - Estruturação da Demonstração do Fluxo de Caixa – Modelo Indireto

PERÍODO DE 20X2		Em \$ 10.000
ATIVIDADES OPERACIONAIS		
Lucro Líquido apurado no Exercício		1.950
+ Depreciação		<u>120</u>
Lucro que afeta o Caixa		2.070
Variações no Circulante (Capital de Giro)		
Ativo – Aumento de Duplicatas a Receber (reduz o Caixa)	(500)	
– Aumento de Estoques (reduz o Caixa)	(500)	
Passivo – Aumento de Fornecedores (melhora o Caixa)	1.000	
– Aumento de Impostos a Pagar (melhora o Caixa)	<u>1.050</u>	<u>1.050</u>

Caixa Gerado nos Negócios		3.120
ATIVIDADES INVESTIMENTOS		
Aquisições de Permanentes		
– Móveis e Utensílios	(300)	
– Terrenos	(1.000)	
– Ações de outras Cias.	(2.140)	(3.440)
ATIVIDADES DE FINANCIAMENTOS		
– Integralização do Capital	1.500	
– Novos Empréstimos Bancários	470	
– Dividendos Pagos	<u>(850)</u>	<u>1.120</u>
RESULTADO FINAL DO CAIXA		800
+ Saldo existente em 31-12-X1		1.500
Saldo existente em 31-12-X2		2.300

Fonte: MARION, 2007, p. 447.

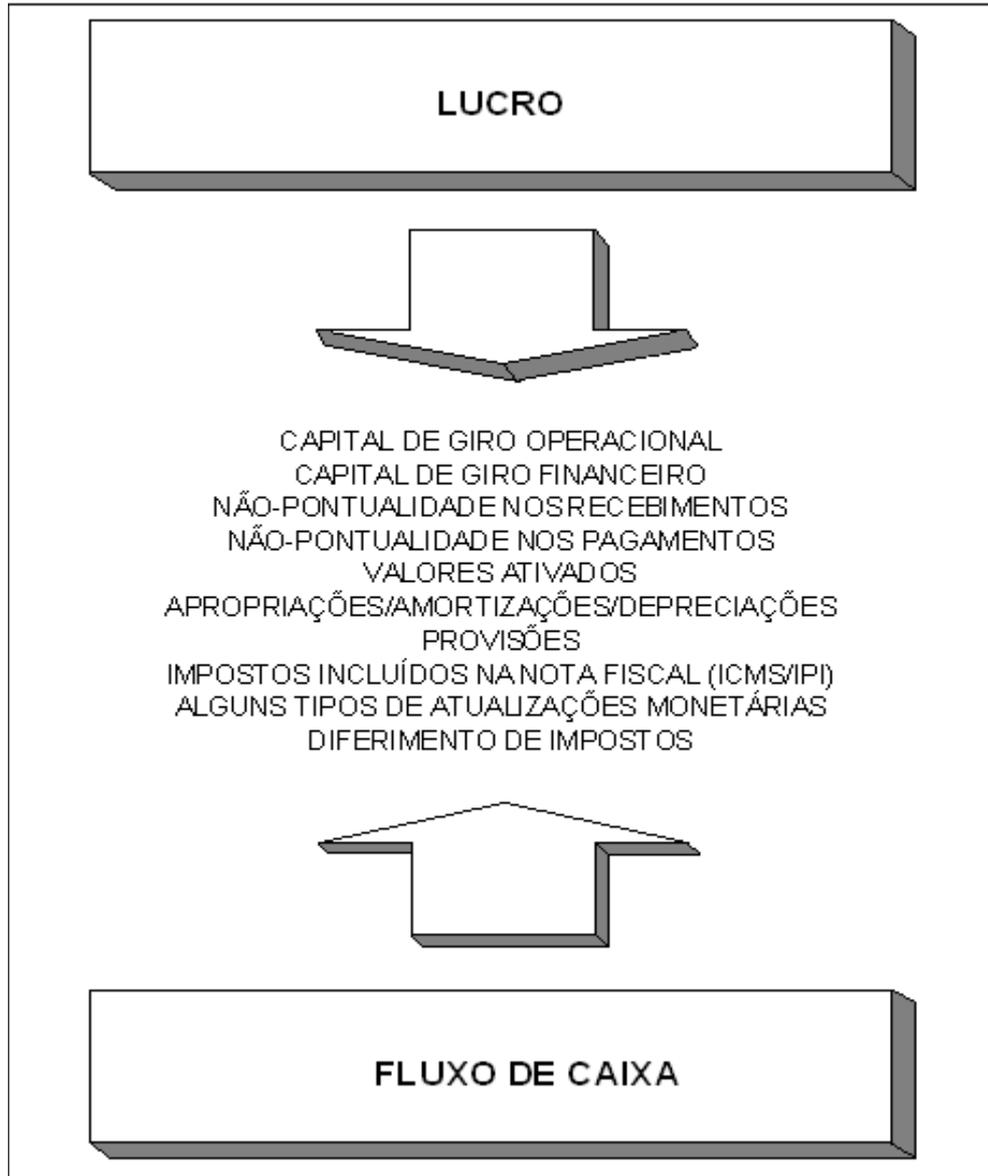
Entretanto, como a elaboração da Demonstração de Fluxo de Caixa não é obrigatória às Micro e Pequenas Empresas, o fluxo de caixa pode ser elaborado conforme as necessidades e particularidades de cada empresa, desde que permita visualizar todas as entradas e saídas de recursos do caixa.

2.4 DIFERENÇAS ENTRE LUCRO E CAIXA

A Contabilidade adota o regime de competência para apurar o resultado econômico das empresas. Esse regime reconhece as receitas e despesas no momento em que elas ocorrem, independentemente, do efetivo recebimento ou pagamento dessas.

Com isso, na maioria das transações, o resultado financeiro, ou seja, o caixa gerado, não ocorrerá junto com o resultado econômico, o lucro. Alguns aspectos contribuem para que isso aconteça, no quadro abaixo Frezatti (2009, p.18) expõe as possíveis diferenças entre lucro e fluxo de caixa.

Quadro 3 - Possíveis diferenças entre lucro e o fluxo de caixa



Fonte: FREZATTI, 2009, p.18.

Prazos de pagamentos e recebimentos causam a diferença entre lucro e caixa, por questão temporária, em algum momento os valores deveriam igualar-se, entretanto a variável tempo gera diferentes momentos para que isto ocorra, fazendo assim, com que o capital de giro operacional seja diverso do capital de giro financeiro (FREZATTI, 2009, p.19).

Mesmo que os valores referentes aos atrasos de recebimentos sejam acrescidos de juros, a não-pontualidade destes recebimentos gera diferenças, pois, além de ocasionar interferência na pontualidade dos pagamentos, geralmente a taxa de juros pelo atraso difere do custo de oportunidade da empresa (SILVA, 2008, p.21).

As amortizações e depreciações, reconhecidas na demonstração de resultados por meio das apropriações periódicas, reduzem o lucro contábil, mas, não representam saída de recursos financeiros do caixa, apenas atribuem parcelas ao resultado econômico da empresa

ao longo da vida útil de seus ativos e nesse sentido afetam o cálculo de impostos, estes sim, tem relevância para o fluxo de caixa.

As provisões, assim como as amortizações e as depreciações, também afetam a demonstração de resultados, mas não significam saída de recursos financeiros do caixa. E embora se trate de valor cuja saída de caixa possa nunca ocorrer, podem ter consequências em termos de impostos a recolher, segundo Silva (2008, p.21) “a provisão de longo prazo pode impactar o caixa em casos de contingências e disputas judiciais e também pode impactar em curto prazo, como os casos de encargos provisionados ao final do mês, para serem pagos no início do mês seguinte”.

O imposto sobre a nota fiscal emitida, como, por exemplo, o ICMS a ser pago, aparece na demonstração do resultado, mas difere do valor que efetivamente sairá do caixa para no momento do seu recolhimento, pois os valores pagos pela empresa, a título de impostos, nas suas compras ficam como créditos da empresa e são deduzidos na hora do recolhimento. Quanto maior o prazo para o pagamento mais significativo o impacto.

Teoricamente, mesmo com todas essas diferenças, lucro e caixa se igualariam num determinado momento, Frezzatti (2009, p.20) defende que dificilmente isso ocorrerá:

O grande argumento teórico leva em conta que, em longo prazo, todos os efeitos se anulam e se compensam, o que não é verdade pelo efeito de custo de oportunidade da empresa. Se ele fosse zero, isto poderia acontecer, mesmo que o longo prazo fosse infinito; entretanto, como a realidade é diferente, essa mencionada compreensão deixa de existir e serve de explicação para casos de insolvência de muitas organizações.

Sendo assim, os empresários ao planejar as suas políticas de vendas a prazo, deverão analisar os riscos de inadimplência e ter um eficiente controle de suas disponibilidades, a fim de evitar os custos financeiros de um possível financiamento, caso não tenha recursos financeiros suficientes para cumprir com as obrigações da empresa.

2.5 FLUXO DE CAIXA COMO INSTRUMENTO GERENCIAL

Para Oliveira, Müller e Nakamura (2010, p.02) a função da contabilidade é gerar informações que sejam úteis aos gestores nos processo decisórios:

A contabilidade, como sistema de informações, caracteriza-se por registrar todas as informações, caracteriza-se por registrar todas as transações ocorridas nas organizações, constituindo-se num grande “banco de dados”. Seus dados são úteis à administração, além de representarem um instrumento gerencial eficaz para o processo decisório e de controladoria.

Um instrumento gerencial é aquele que permite apoiar o processo decisório da empresa, assim como para se obter uma boa gestão necessita-se de ferramentas, de maneira

que ela seja orientada para os resultados pretendidos, e planejada de forma que identifique as necessidades e oportunidades. Então se pode considerar o fluxo de caixa de uma empresa como sendo um instrumento gerencial, o qual deve ser considerado também como um instrumento que traz informações para o auxílio na tomada de decisões (FREZATTI, 2009, p.28).

Para Pivetta (2005, p.05) a adoção do fluxo de caixa como ferramenta gerencial proporciona que a empresa tenha “um auto planejamento utilizando-se de dados estatísticos; uma visão de curto e médio prazo sobre o seu desempenho; um planejamento de investimentos, quando os dados, mês a mês, apresentarem índices de crescimento acentuado; capacidade de tomar decisões rápidas, fundamentadas diante do surgimento de dificuldades financeiras”.

É de vital importância para a empresa possuir um planejamento e o controle do seu fluxo financeiro, a tal ponto, que muitas instituições de crédito exigem a apresentação do fluxo de caixa ao analisar a concessão de empréstimos e financiamentos.

Buscando uma melhor evidenciação dos recursos financeiros, nas empresas varejistas, o fluxo de caixa deverá elaborado com informações diárias, Santos (2001, p. 62) apresenta um modelo de fluxo de caixa de curto prazo:

Quadro 4 - Fluxo de caixa de curto prazo – empresa varejista

Elementos	Dias				
	04/01	05/01	...	03/02	04/02
1. Entradas de caixa					
Recebimento de vendas a vista					
Recebimento de vendas faturadas					
Recebimento de vendas com cartão de crédito					
Recebimento de vendas pelo crediário					
Operações de crédito					
Resgate de aplicações financeiras					
Juros de aplicações financeiras					
Recebimento de aluguéis					
Outras entradas de caixa					
1.1 Total das entradas					
2. Saídas de caixa					
Fornecedores					
Prestadores de serviços					
Folha de pagamento					
Encargos sociais					
Impostos					
Antecipação de pagamentos					
Juros de financiamento					
Despesas bancárias					
Pagamento de aluguel					

Água, luz, gás, telefone e internet					
Realização de aplicações financeiras					
Outras saídas					
2.1 Total das saídas					
3. Saldo de caixa gerado (1.1 – 2.1)					
4. Saldo inicial de caixa					
= Saldo Final de caixa (3 +4)					

Fonte: SANTOS, 2001, p.62.

As entradas de caixa representam os valores referentes aos recebimentos de vendas, aplicações financeiras e outras receitas efetivamente recebidas, por sua vez, as saídas de caixa representam todos os desembolsos ocorridos para o pagamento das diversas despesas ocorridos. Sendo o saldo final de caixa a soma do saldo inicial de caixa e o caixa gerado em um determinado dia.

O fluxo de caixa apresentado pode ser alterado conforme as particularidades da empresa, podem-se incluir novas contas na medida em que forem surgindo novas movimentações.

Com base no fluxo de caixa da empresa, o empreendedor poderá tomar decisões, de modo, a assegurar o equilíbrio financeiro da empresa, atentando-se, principalmente, nas contas a receber, contas a pagar e o estoque.

As contas a receber deverão ser cuidadosamente administradas, pois para conceder créditos aos clientes, na forma de vendas a prazo, a empresa deverá ter uma política de crédito adequada, pois do contrário poderá acarretar uma série de custos, principalmente financeiros, já que devido ao risco de inadimplência, essas vendas a prazo podem diminuir as entradas de caixa da empresa e provocar uma possível iliquidez, sendo necessária a utilização de capital de terceiros.

Quando se tem uma política de crédito adequada, ela fornece os elementos para a concessão de crédito a um cliente, ocasionando aumento de lucro nas vendas e redução dos custos de financiamento, cobrança e das perdas com inadimplência. Portanto, o planejamento financeiro dos valores a receber deve ser feito com cautela pelo administrador financeiro. [...] É difícil todos os clientes pagarem em dia, existem falhas na cobrança, reclamações ou esquecimentos de pagamentos por parte dos clientes, e isso pode comprometer o caixa da empresa. A concessão de crédito feita de maneira rígida diminui as perdas com inadimplência, mas, por outro lado, limites muito rígidos para a concessão de crédito reduzem as vendas. É interessante que haja uma análise permanente dos prazos de recebimento, dos clientes que pagam em dia e dos maus pagadores, dos cálculos de custos financeiros e de cobrança, para decidir se a empresa deve ser ou não mais flexível em seus padrões de crédito (SILVA, 2008, p.37 e 42).

No que se refere às contas a pagar o empreendedor deve levar em conta as possibilidades de negociação dos prazos de pagamentos que os seus fornecedores oferecem e optar pela melhor condição na relação: prazo de pagamento *versus* preço da mercadoria. É

necessário separar os desembolsos referentes aos custos das mercadorias das outras despesas, tais como alugueis e salários, pois os pagamentos destas despesas são fixos e, geralmente, incorrem em uma mesma data.

E para Silva (2008, p.45) é fundamental o bom relacionamento do empreendedor com os seus fornecedores:

É fundamental ter um bom relacionamento com os fornecedores, pois isso tem um impacto direto no caixa da empresa, porque atinge o volume de compras e os créditos obtidos. Assim, existem dois aspectos que favorecem o relacionamento: primeiro, efetuação dos pagamentos em dia; segundo, manter os canais de comunicação abertos.

Os estoques representam uma parte significativa do ativo das empresas comerciais, pois são a base para a geração de lucros. Os custos com os estoques são possivelmente recuperáveis nas vendas, entretanto, não se pode esquecer que há outros tipos de despesas, tais como: armazenagem e seguros; devem ser consideradas também certas perdas, por queda de preços, mudanças de hábitos de consumo, ações de concorrência; sendo que estas despesas devem ser incluídas no custo da mercadoria e serem recuperadas nas vendas. (SILVA, 2008, p.45)

Ainda para Silva, os estoques devem ser administrados com base no giro de venda das mercadorias:

É importante ressaltar que se devem dimensionar os investimentos em estoques de maneira a compatibilizar a capacidade de caixa com os objetivos de venda, já que estoques em excesso absorvem recursos que poderiam ter outro destino, reduzem a capacidade lucro da empresa, além de gerar custos financeiros, custos de carregamento físico, etc. Quanto maior é o giro, maior é o retorno que o investimento em estoques proporciona, maior também é a liquidez do investimento.

Quanto a Fluxo de Caixa, Henrique (2008, p.55) destaca ainda, que:

É importante que o empresário avalie a liquidez, ou seja, a disponibilidade de recursos para pagar as obrigações bem como a flexibilidade financeira da empresa, isso mostra a habilidade de uma empresa financiar suas operações com recursos gerados internamente. Também é importante que o empresário avalie suas decisões gerenciais, através do recebimento de suas vendas.

Assim, o fluxo de caixa é instrumento gerencial, que permite apoiar o processo decisório da empresa, de modo que ela alcance os resultados estabelecidos e mantenha sua liquidez.

2.6.1 Fluxo de Caixa Projetado

A análise do fluxo de caixa, de um determinado período, torna possível ao empreendedor estimar as entradas de recursos financeiros, provenientes do recebimento das receitas com vendas e demais receitas, para um próximo período, assim, prevendo futuros

fluxos de caixa, onde com base nos fluxos de períodos passados podem ser estimados valores futuros.

Estimadas as possíveis entradas de caixa, estas, deverão ser confrontadas com as despesas fixas e com as estimativas das despesas variáveis, com a finalidade de prever antecipadamente se a empresa terá recursos financeiros suficientes para cumprir com as suas obrigações ou se necessitará de empréstimos bancários.

O Fluxo de Caixa poderá ser projetado para o período de um mês, utilizando-se o mesmo modelo do controle do fluxo de caixa diário, realizando apenas algumas adaptações, conforme abaixo:

Quadro 5 - Modelo de Fluxo de Caixa Projetado

Elementos	Meses			
	Setembro		Outubro	
Contas	Previsto	Realizado	Previsto	Realizado
1. Entradas de caixa				
Recebimento de vendas a vista				
Recebimento de vendas faturadas				
Recebimento de vendas com cartão				
Recebimento de vendas pelo crediário				
Operações de crédito				
Resgate de aplicações financeiras				
Juros de aplicações financeiras				
Recebimento de aluguéis				
Outras entradas de caixa				
1.1 Total das entradas				
2. Saídas de caixa				
Fornecedores				
Prestadores de serviços				
Folha de pagamento				
Encargos sociais				
Impostos				
Antecipação de pagamentos				
Juros de financiamento				
Despesas bancárias				
Pagamento de aluguel				
Água, luz, gás, telefone e internet				
Realização de aplicações financeiras				
Outras saídas				
2.1 Total das saídas				
3. Saldo de caixa gerado (1.1 – 2.1)				
4. Saldo inicial de caixa				
= Saldo Final de caixa (3 +4)				

Ao final de cada mês deverá ser realizada a comparação com o que foi previsto e o que foi realizado, só assim será possível ao empreendedor avaliar suas projeções financeiras e executar as mudanças necessárias.

3. ESTUDO PRÁTICO

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de, verificar como as informações provenientes do Fluxo de Caixa vêm sendo utilizadas pelas empresas locais, com atividade econômica no ramo do comércio varejista de vestuários, realizou-se um estudo prático junto aos empreendedores (proprietários) e/ou os funcionários responsáveis pela gestão financeira das empresas.

Para tanto, foi utilizado um roteiro de entrevista, anexo a este trabalho, no qual se constituiu em duas partes, sendo a primeira, para a identificação dos entrevistados e das empresas, e a segunda parte composta por cinco perguntas referentes ao Fluxo de Caixa e o processo decisório das empresas.

As entrevistas foram realizadas, entre os dias 04 a 06 de outubro do presente ano, pela própria pesquisadora, nas respectivas empresas entrevistadas, sendo que as respostas foram anotadas a manuscrito para posterior análise.

3.2 PERFIL DAS EMPRESAS E DOS ENTREVISTADOS

Foram realizadas as entrevistas em 23 empresas, localizadas na área central da cidade de Dourados-MS, todas com atividade econômica no ramo do comércio varejista de vestuários, sendo 19 Microempresas e 04 Empresas de Pequeno Porte.

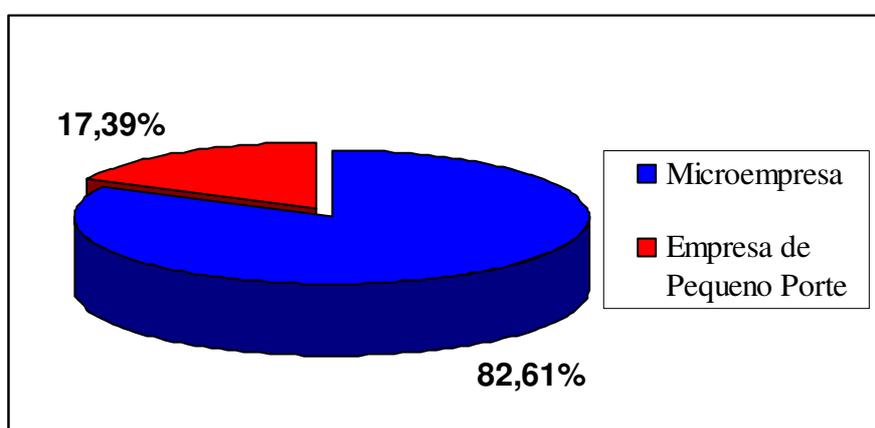


Gráfico 2 – Enquadramento das empresas entrevistadas

Quanto ao tempo de atuação no comércio, 15 delas declararam ter iniciado suas atividades há mais de cinco anos e 08 há menos de cinco anos.

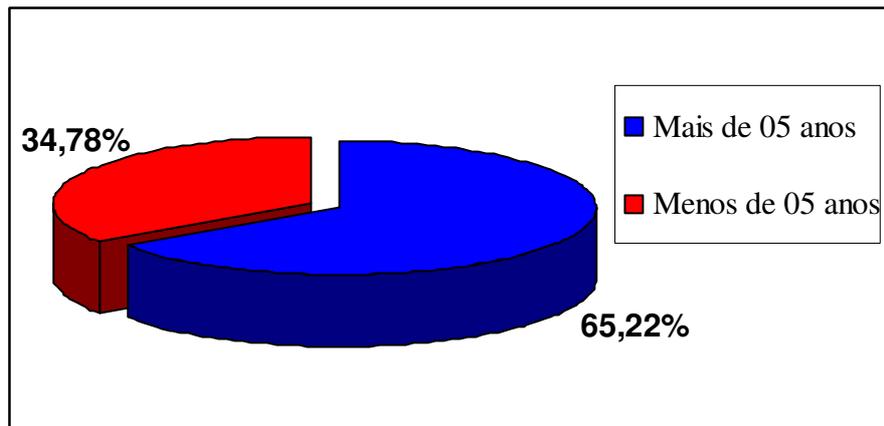


Gráfico 3 – Tempo de atuação das empresas no mercado.

Em um estudo realizado anteriormente por Hall *et al* (2008, p.07) verificou-se que a média de anos de constituição das empresas, com atividade econômica no ramo do comércio varejista de vestuários, da cidade de Dourados – MS é de 11,73 anos, um período muito pequeno se comparado com o tempo que a atividade comercial varejista vem sendo praticada no município.

No que se refere ao perfil dos entrevistados, 10 deles são os sócios / proprietários e 13 são funcionários da empresa, com as funções de gerência e caixa.

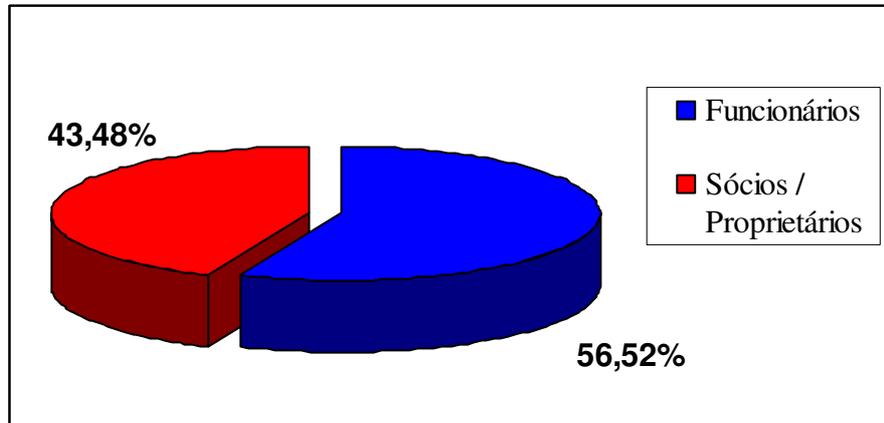


Gráfico 4 – Função dos entrevistados.

Dentre estes, 16 são do sexo feminino e 07 do sexo masculino, constatando-se a predominância das mulheres nesta atividade comercial.

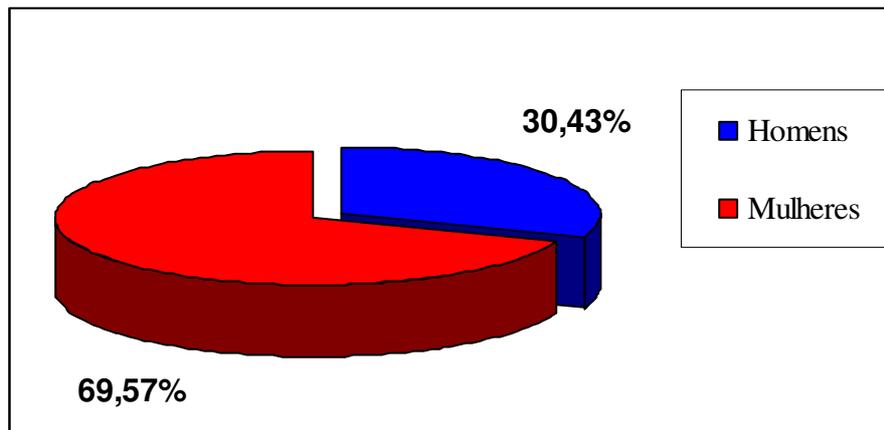


Gráfico 5 – Sexo dos entrevistados.

Apenas 05 dos entrevistados concluíram o Ensino Superior, os demais concluíram o Ensino Médio.

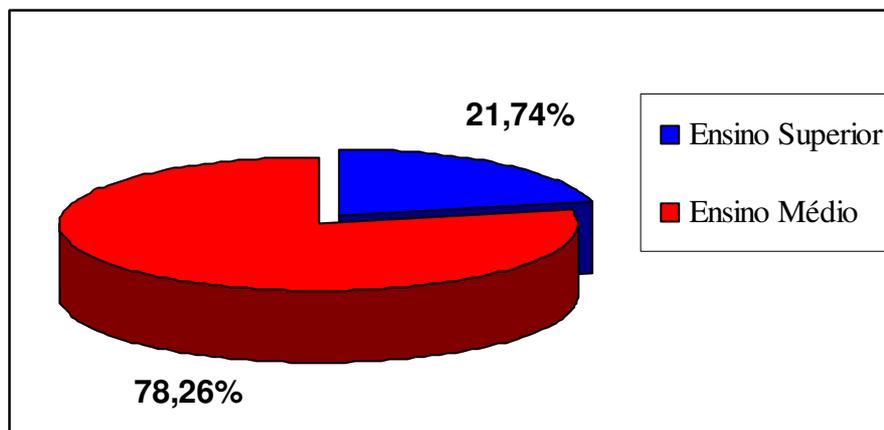


Gráfico 6 – Nível de escolaridade dos entrevistados.

Dentre os que concluíram o Ensino Superior foram citados os seguintes cursos: 02 cursaram Administração, 01 cursou Letras, 01 Educação Física e 01 Tecnologia em Produção Publicitária, isso demonstra que a maioria dos empreendedores não possui conhecimento contábil e nem de gestão de negócios e a falta de experiência do administrador são especificidades que afetam a sobrevivências destas empresas.

3.3 O FLUXO DE CAIXA NA GESTÃO DAS EMPRESAS ENTREVISTADAS

Em apenas duas das empresas pesquisadas, ou seja, 8,7% dessas, o controle do fluxo de caixa são realizados manualmente, através do registro no livro caixa, todas as demais utilizam softwares específicos para o controle das entradas e saídas de recursos financeiros do caixa.

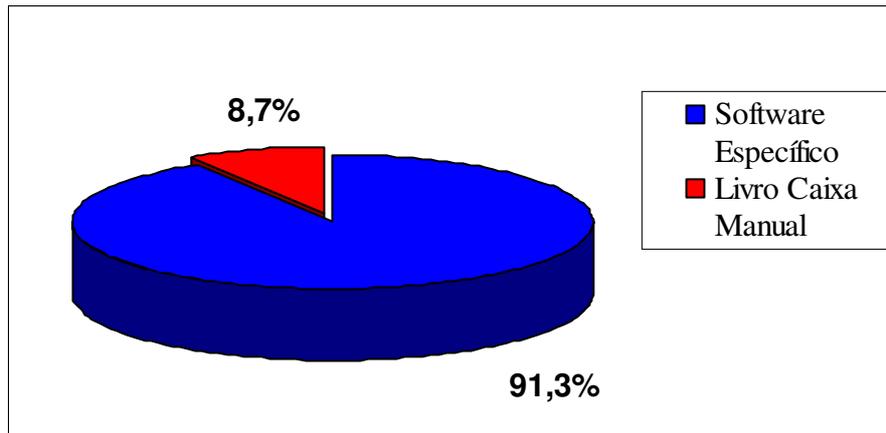


Gráfico 7 – Controle do fluxo de caixa.

Quando questionados sobre a importância das informações oriundas do fluxo de caixa, todos disseram considerá-las importantes, pois, é por intermédio destas, que se pode ter um controle das vendas e do dinheiro que entra e sai da empresa, afirmaram ainda, que baseados nessas informações tomam decisões importantes na empresa, tais como, decisões de compras, negociação dos prazos com fornecedores, contratações de funcionários, entre outras.

Somente 06 das empresas pesquisadas, ou seja 26,09% utilizam outra demonstração contábil, tendo sido citada por todos estes, a Demonstração do Resultado do Exercício.

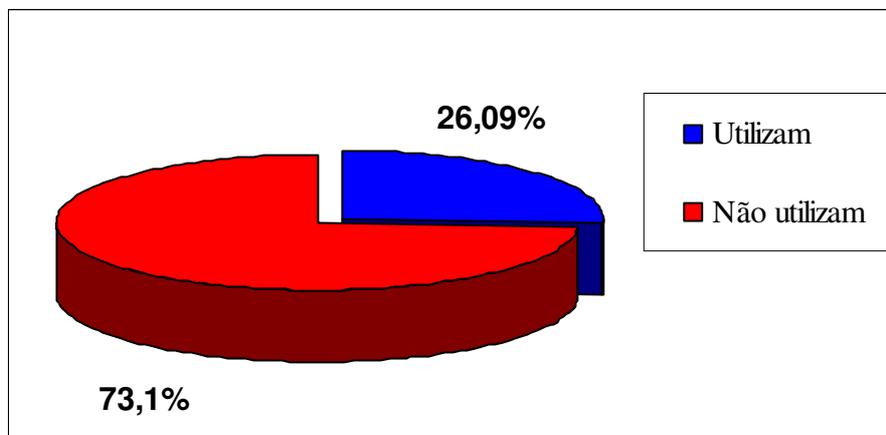


Gráfico 8 – Utilização de outra demonstração contábil

Indagados sobre qual o método que utilizam para as tomadas de decisões que envolvem assuntos financeiros dentro da empresa, os entrevistados responderam que a disponibilidade de recursos é o principal item a ser verificado nas tomadas de decisões que ocorrem no dia a dia das empresas, informação esta, que pode ser obtida pela análise do fluxo de caixa da empresa.

4. CONCLUSÕES

Ao término deste estudo, pode-se concluir que é fundamental para a sobrevivência e o sucesso de qualquer empresa, que o fluxo de caixa apresente liquidez, de forma que elas possam cumprir com seus compromissos financeiros, dando continuidade às suas operações.

Pode-se dizer que o fluxo de caixa tornou-se uma ferramenta estratégica vital e extremamente importante para o gerenciamento das empresas, pois, a análise do fluxo de caixa, de um determinado período. Torna possível ao empreendedor estimar as entradas de recursos financeiros, provenientes do recebimento das receitas com vendas e demais receitas, para um próximo período, assim, prevendo futuros fluxos de caixa, onde com base nos fluxos de períodos passados podem ser estimados valores futuros.

Neste contexto, a gestão dos fluxos financeiros é tão relevante quanto a capacidade de vendas da empresa, pois possibilita aos empreendedores planejar melhor suas ações, além de auxiliá-los na projeção de duas disponibilidades, podendo-se também prever antecipadamente a necessidade de capital de terceiros.

Espera-se, assim, ter contribuído no sentido de evidenciar como o planejamento e o controle do fluxo de caixa podem auxiliar na gestão das empresas, ajudando os empreendedores a administrar da melhor maneira os recursos financeiros da empresa para que obtenham sucesso empresarial.

REFERÊNCIAS

ANHOLON, R. Et al. **Características Administrativas de Micro e Pequenas Empresas: confronto entre a teoria e a prática.** São Paulo: METROCAMP Pesquisas, 2007.

ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, Cesar Augusto Tiburcio. **Administração do capital de giro.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 2002. 214p.

COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em Administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação.** 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Princípios fundamentais e normas brasileiras de contabilidade.** Brasília: CFC, 2003.

ESTADO, Agência. **Falências decretadas crescem 18,9% em agosto, diz Serasa.** Disponível em <www.douradosnews.com.br/leitura.php?id=18492>. Acesso em 06 de setembro de 2010.

FEDATO, Geovana Alves de Lima; GOULART, Claiton Pazzini; OLIVEIRA, Lyss Paula de. **Contabilidade para Pequenas Empresas: a utilização da contabilidade como instrumento de auxílio às micro e pequenas empresas.** Sinop- MT, Revista Contabilidade e Amazônia, Maio 2009. Disponível em http://www.contabilidadeamazonia.com.br/artigos/artigo_13contabilidade_para_pequenas_empresas.pdf. Acesso 12 de abril de 2010.

FERREIRA, Neide de Souza. **A Importância da Gestão do Fluxo de Caixa no Processo Decisório das Empresas.** João Pessoa – PB. Universidade Federal da Paraíba. 2003.

FILHO, Ademar Campos, **Demonstração dos Fluxos de Caixa: uma ferramenta indispensável para administrar sua empresa.** São Paulo: Atlas, 1999. 105p.

FREZATTI, Fábio. **Gestão do Fluxo de Caixa Diário: como dispor de um instrumento fundamental para o gerenciamento do negócio.** São Paulo: Atlas, 2009. 124p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Rosemar José; SOUZA, Dionatan Vermieiro Nóia de; VIANA Gláucia Rebouças Bryk; **A Utilização das Ferramentas Contábeis para Tomada de Decisão: Um Estudo nas Micro e Pequenas Empresas do Ramo de Vestuário de Dourados – MS.** Congresso Internacional de administração, 2008.

HENRIQUE, Marco Antonio. **A importância da contabilidade gerencial para micro e pequena empresa.** 2008. 78 f. Monografia apresentada na Universidade de Taubaté para obtenção do certificado de especialização em Gestão Contábil, Auditoria e Controladoria.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARTINS, Eliseu; GELKE, Ernesto Rubens. **FIPECAFI – Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras: manual de contabilidade das sociedades por ações.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

KALLAS, Luiz Roberto. **A difícil tarefa de empreender no Brasil**. São Paulo-SP, Revista Contábil e Empresarial Fiscolegis. Disponível em <<http://netlegis.com.br/indexRC.jsp?arquivo=detalhesArtigosPublicados.jsp&cod2=709>>. Acesso em 20 de março de 2010.

KASSAI, Sílvia. **As Empresas de Pequeno Porte e a Contabilidade**. São Paulo: FEA/USP, 1997.

KASSAI, Sílvia; KASSAI, José Roberto; NOSSA, Valcemiro. **Pequenas Empresas: como é difícil “levantar dinheiro”!**. Recife, VII Congresso Brasileiro de Custos, 2000.

LUCAS, Douglas Ribeiro. LUCAS, Denílson da Silva. **Utilização do fluxo de caixa na obtenção de informações como ferramenta estratégica e competitiva no mercado**. XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba. Disponível em <www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/.../0079_0018_01.pdf>. Acesso em 30 de junho de 2010.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial**. 13. Ed. São Paulo: Atlas, 2007. 502p.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços: Abordagem básica e gerencial**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008. 459p.

MIOTTO, Neivandra; LOZECKYI, Jeferson. **A Importância da Contabilidade Gerencial na Tomada de Decisão nas Empresas**. UNICENTRO – Revista Eletrônica Lato Sensu. 5.ed. 2008.

OLIVEIRA, Antonio Gonçalves de; MÜLLER, Aderbal Nicolas; NAKAMURA, Wilson Toshio. **A Utilização das Informações geradas pelo Sistema de Informação Contábil como subsídio aos processos administrativos nas pequenas empresas**. Curitiba – PR, Revista FAE, v.3, n.3, p.1-12, set./dez., 2010.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Contabilidade Gerencial: um enfoque em sistema de informação contábil**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 625p.

PIVETTA, Geize. **A Utilização do Fluxo de Caixa nas Empresas: um modelo para a pequena empresa**. Santa Maria - RS, Revista Eletrônica em Contabilidade, v.1, n.2, dez.2004/fev.2005. Disponível em <<http://w3.ufsm.br/revistacontabeis/anterior/artigos/vIn02/a01vIn02.pdf>>. Acesso em 12 de abril de 2010.

SÁ, Carlos Alexandre. **O Fluxo de Caixa: este desconhecido**. Disponível em www.carlosalexandresa.com.br. Acesso de 12 de abril de 2010.

SANTOS, Edno Oliveira dos. **Administração Financeira da Pequena e Média Empresa**. São Paulo: Atlas, 2001. 252p.

SEBRAE-SP. **Classificação das micro e pequenas empresas de acordo com o número de empregados**. Disponível em

<http://www.sebraesp.com.br/sites/default/files/classificacao_empregado.pdf>. Acesso em 05 de junho de 2010.

SEBRAE-SP. **Classificação das micro e pequenas empresas segundo faturamento bruto anual.** Disponível em <http://www.sebraesp.com.br/sites/default/files/classificacao_faturamento.pdf>. Acesso em 05 de junho de 2010.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. Rio de Janeiro: Cortez, 2008. 304p.

SILVA, Edson Cordeiro da. **Como Administrar o Fluxo de Caixa das Empresas: guia de sobrevivência empresarial.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 2008. 221p.

THIESEN, João Arno de Oliveira. **A demonstração do fluxo de caixa nas organizações e sua importância como instrumento na tomada de decisão.** Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, n.100, p.8-13, mai./2000.

ZDANOWICZ, José E. **Fluxo de Caixa: uma decisão de planejamento e controle financeiros.** 2. ed. Porto Alegre: DC Luzato, 1986.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

PARTE 1 – PERFIL DA EMPRESA E DO ENTREVISTADO

1 – Identificação da Empresa

Data de Início da Atividade:

Natureza Jurídica (ME ou EPP):

2 – Identificação do Entrevistado

Sexo:

Escolaridade / Área de Formação:

Cargo:

PARTE II – FLUXO DE CAIXA NA GESTÃO DAS EMPRESAS

1 – Como você realiza o controle do fluxo de caixa da empresa?

2 – Você considera importantes as informações apresentadas no fluxo de caixa?

Justificar.

3 – Você toma decisões baseadas nas informações? Exemplifique.

4 – Você utiliza alguma outra demonstração contábil?

5 – Atualmente qual o método que você utiliza para a tomada de decisões que envolvem assuntos financeiros dentro de sua empresa?